



Oculum Ensaaios

ISSN: 1519-7727

sbi.ne_oculumensaios@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Brasil

da Silva Pereira, Margareth
LOCALISTAS E COSMOPOLITAS: A REDE DO ROTARY CLUB INTERNATIONAL E OS
PRIMÓRDIOS DO URBANISMO NO BRASIL (1905-1935)

Oculum Ensaaios, núm. 13, 2011, pp. 12-31
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351732215002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

LOCALISTAS E COSMOPOLITAS: A REDE DO *ROTARY CLUB INTERNATIONAL*

E OS PRIMÓRDIOS DO URBANISMO NO BRASIL (1905-1935) | Margareth da Silva Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo | Av. Pedro Calmon, 550, Prédio da
Reitoria, Sala 529, Cidade Universitária, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mail: spmarg@terra.com.br

LOCALISTAS E COSMOPOLITAS: A REDE DO *ROTARY CLUB INTERNATIONAL* E OS PRIMÓRDIOS DO URBANISMO NO BRASIL (1905-1935)

Quando, em 1905, o advogado Paul Harris criou o primeiro *Rotary Club*, ele não imaginava como sua iniciativa se multiplicaria rapidamente. Apenas seis anos mais tarde, seria criado o *Rotary International*, visando administrar, agora, um conjunto importante de clubes que vinham se espalhando não só pelos Estados Unidos, mas também pela Grã-Bretanha e pelo Canadá. Hoje com representação em 166 países, as práticas e os valores sociais do *Rotary Club*, consolidados nas primeiras décadas do século XX pelos seus membros pioneiros, são compartilhados por mais de um milhão e duzentos mil associados, fazendo da associação talvez a mais importante organização não governamental operando no mundo. Entretanto, a história do *Rotary Club* ainda não suscitou a atenção dos especialistas da área de sociologia urbana ou de história do urbanismo, e nem sequer dos estudiosos da história de Chicago.

De fato, quando se contrapõe o verbete de pouco mais de 20 linhas dedicado ao *Rotary International* (RI) às 1 117 páginas da recente *The Encyclopedia of Chicago*, constata-se que os próprios autores que se dedicam à história da cidade não perceberam o alcance cultural e político dessa poderosa organização civil dedicada aos serviços comunitários. Entretanto, basta lembrar o enraizamento social dos seus associados em grandes e pequenas cidades do planeta: a roda dentada dos *Rotary Clubs* pode ser vista de Arequipa a Londres, de Aquidauana a Colombo, de São Paulo a Nova York, passando por Paris, Dusseldorf, Mumbai, Baranquilla, Dublin, Caracas, Lima, Mendoza [...]. Organização assim localmente assentada, o *Rotary* age globalmente.

Como se sabe, em 1945, 49 rotarianos participariam da redação da Carta das Nações Unidas e naqueles anos, graças às decisões de uma Convenção rotária dedicada à educação e intercâmbios culturais realizada em 1943, foi criada a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Além disso, o *Rotary International* dispõe de um representante permanente junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, bem como de representantes junto à Organização Mundial da Saúde e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), com escritórios em Genebra e Nova Iorque nos próprios locais ocupados pela Organização das Nações Unidas (ONU), o que lhe permite, como organização não governamental, intervir diretamente na formulação de diretrizes e políticas implementadas e observadas nas quatro partes do mundo.

Embora alguns autores da área das ciências sociais comecem a perceber nexos entre alguns atores sociais no campo do urbanismo, suas atividades e a rede transnacional do *Rotary Club*, a organização ainda não mereceu uma obra que analise especificamente esses laços e, menos ainda, o impacto no meio urbano de uma série de iniciativas locais em diferentes municipalidades promovidas pelo Clube e seus membros.

Este trabalho chama a atenção para a importância dessa associação em alguns países da América Latina, particularmente o Brasil, nos anos formadores da noção de política pública nas áreas de educação e urbanismo, ou do que se pode definir como anos de criação de uma “educação urbana” voltada para a formação de novos cidadãos e cidadãos.

SERVI- DA CRIAÇÃO DE UMA REDE DE AJUDA MÚTUA A UM CLUBE DE SERVIÇOS

O contexto de criação do primeiro *Rotary Club* e seu perfil durante sua primeira década de atividades são indissociáveis da própria dinâmica social em Chicago entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Pode-se dizer que a fundação do primeiro clube foi a estratégia encontrada por um pequeníssimo grupo de amigos para enfrentar suas dificuldades pessoais de inserção social na cidade e de desempenho profissional. Na verdade, a associação nasceria a partir da noção de ajuda mútua entre seus membros, em um contexto de grande crescimento demográfico, desigualdades de oportunidades e, ainda, de forte mobilidade na cidade de Chicago. Em outras palavras, em um contexto, portanto, de relações interpessoais marcadas pelo anonimato, pela competitividade e pela incerteza diante da ausência de regras e valores sociais compartilhados.

Assim, o advogado Paul Harris e seus amigos¹, um negociante de carvão, um engenheiro de minas e um alfaiate, tiveram a ideia de criar um grupo de indivíduos que pudesse, dentro da “grande cidade”, formar uma pequena “comunidade” e se auxiliar reciprocamente. Nas palavras de Harris:

O grupo incluiu membros de ancestralidade americana, alemã, sueca e irlandesa e representantes das crenças protestante, católica e judaica. Todos produtos do ‘melting-pot’ americano e, nesse sentido, todos moldando os conceptores de uma ordem internacional que eles [próprios] estavam criando (tradução da autora) (*Rotary International*, 1946, p.14).

Harris, como seus colegas, nascidos em pequenas cidades do interior dos Estados Unidos e como muitos imigrantes que afluíam a Chicago nos primeiros anos do século XX, procurou, assim, de início criar um grupo de pessoas que pudesse fazer negócios e trocar serviços profissionais entre si com mais segurança, reagindo a um meio desconhecido e por vezes hostil para todos.

Escrevendo sobre o momento de fundação do *Rotary*, seu mentor resume:

A hora de maior depressão foi para Chicago o que se segue: ao terminar o século XIX e a primeira Exposição Mundial, havia milhares de mendigos e a miséria é castigo incitante. Lutavam para conservar suas posses aqueles que ainda as tinham e os que nada possuíam lutavam a fim de obter o necessário para viver. Os aluguéis se atrasavam, os juros não eram pagos, os varejistas não honravam suas dívidas, obrigando os atacadistas a faltarem com seus compromissos para com os manufatureiros. As Cortes abarrotavam de processos por apropriações indébitas, manutenção de posses, embargos, procurações, hipotecas vencidas, desembargos, sequestros. Os famintos precisavam comer, mas era necessário também que trabalhassem, pois a ociosidade gerava vícios. Chicago não poderá jamais esquecer os dias posteriores à sua primeira Exposição Mundial — o auge da miséria patenteou-se em todos os pontos de vista. Foi sentido violentamente um pânico financeiro que varreu todo o país [...]. Nos distritos e bairros pobres a evidência da necessidade e do sofrimento despertavam compaixão [...] pela cidade inteira abriram-se casinhas para fornecimento de sopa aos famintos. Nas noites de inverno rigoroso eram recolhidos na Prefeitura, nos edifícios municipais e nas delegacias, homens, mulheres e crianças encontradas sem abrigo. As cadeias achavam-se abarrotadas daqueles que cometiam delitos propositalmente para obterem abrigo [...] (Harris, 1939, p.44).

Nesses anos, teria grande impacto a obra de W. H. Stead, *If Christ come to Chicago*, publicada na Inglaterra, expondo esse quadro de injustiça e desregulação social e perguntando “se viria alguma coisa boa de Chicago”.

Paul Harris, tentando responder à pergunta e melhor definir por que criara uma associação como o *Rotary*, concluiria:

Rotary poderia de fato ter vindo à luz sob céus mais luminosos, num clima mais uniforme e numa cidade de maior sossego mental, embora muitos insistirão que não haveria melhor pátria natal para um movimento semelhante [...] do que a paradoxal Chicago onde se lutava sem tréguas em prol da retidão cívica [...]. Rotary não terá motivo de se envergonhar da cidade de sua origem. Foi precedido por uma linhagem ilustre de movimentos concebidos no espírito patriótico e idealista, sustentados com entusiasmo e resolução [...] (Harris, 1939, p.46).

Na verdade, embora o criador do *Rotary* sempre tenha insistido na pluralidade do perfil social, religioso e étnico do movimento, ele e muitos associados admiravam a obra de certos reformadores sociais e líderes religiosos da cidade, como Dwight L. Moody, Billy Sudday e Paul Rader. Respeitavam também a obra de Frances Willard e de Jane Addams na *Hull House*, todos nominalmente citados por ele. Em todo caso, com maior ou menor sentido “cristão” explícito, eles inseriam a si próprios num conjunto de movimentos e ações sociais que buscavam mostrar que a história de Chicago “era [bem] mais que uma história de crimes e corrupção: era a história das vidas de homens e mulheres resolutos e inspirados pela fé (Harris, 1939, p.51)”.

De fato, para outros observadores era também patente o sentimento de que vinha sendo esboçada uma reação ao estado de anomia social em Chicago. O jornalista Lincoln Steffens, considerado mais tarde um radical nas denúncias de abuso e corrupção no trato da coisa pública, e autor de livros e artigos de impacto publicados nos Estados Unidos, como *The Shame of the Cities* (1904) e *The Struggle for Self-Government* (1906), era por exemplo, um deles. Levando em conta o trabalho da *Municipal Voters League*, criada em 1896 (Teaford, 2004, p.347), Steffens considerava que Chicago, já no início do século, podia servir de exemplo de bom governo para outras cidades norte-americanas, sendo ao mesmo tempo uma ilustração e um triunfo do movimento reformista (Steffens, 1904). Nas primeiras décadas do século XX, Dwight Lyman Moody, Billy Sudday e Paul Rader, também já reconhecidos pregadores em Chicago, começavam uma campanha moralizadora em diversas cidades através dos Estados Unidos.

Mas, embora em sua origem o *Rotary Club* mereça ser analisado tanto à luz dos movimentos confessionais criados à época quanto dos movimentos de lutas por direitos civis e sociais, a identidade da comunidade buscou evitar qualquer crivo religioso e sobretudo político entre os seus membros. A despeito das conquistas dos movimentos associativistas, voltados inclusive para as comunidades étnicas, ainda era forte a lembrança de greves e conflitos trabalhistas, como o de Haymarket, em 1886, e da depressão do período 1894-1897. A essa altura, mesmo entre os “americanos” de classe média, cujas famílias haviam se estabelecido no país há mais tempo e com perfil social semelhante ao dos criadores do *Rotary*, as divergências ideológicas na busca de resposta para a série de “problemas urbanos e sociais” mencionados começavam a se fazer sentir, manifestando-se não só em partidos, mas também na multiplicação das organizações civis e religiosas existentes na cidade.

Embora o grupo tenha adotado de uns os mandamentos do Evangelho, de outros a agenda de temas “progressistas”, a identidade da associação seria definida inicialmente pela ênfase dada à atividade profissional de seus membros e foi guiada por objetivos práticos, de ajuda mútua, pautados nas dificuldades que eles encontravam na vida corrente. Nesse contexto, a associação criou uma rede duplamente solidária, norteadas não por princípios metafísicos, mas pelo simples bom-senso. Essa solidariedade deveria, assim, manifestar-se quase naturalmente, em função do respeito de regras comerciais benéficas

para as partes envolvidas. Ou em outras palavras, graças ao apoio que cada membro da comunidade acabava trazendo aos negócios de seus pares, ao contratar na própria comunidade os profissionais “competentes” e “honestos” que necessitasse ou, simplesmente, ao indicar um colega rotariano para qualquer tarefa.

A adesão ao clube pressupunha a seleção e recrutamento de apenas um membro de cada atividade social “identificada e classificada”, de modo a evitar a competição e concorrência no interior do próprio grupo: jornalista, advogado, médico, contador, representante do setor hoteleiro, minerador e ferroviário, corretor de imóveis, arquiteto, pintor, escultor, e assim sucessivamente. Também a ideia de que toda forma de trabalho deveria ser melhor conhecida e reconhecida socialmente permeia o princípio de classificação de atividades dos membros, daí inclusive a rotatividade das reuniões semanais que, de início deveriam ser, alternadamente, *in the members' places of business in rotation*, o que acabou inspirando o próprio nome do clube.

Essa rede de amigos auxiliando-se mutuamente e, assim, prestando serviços uns aos outros no plano pessoal e comercial estaria unida pelo *ideal of service* adotado por Paul Harris e seus colegas na formulação dos princípios e metas da associação. Entretanto, como entender essa noção de “servir” e como ela evoluiria para ultrapassar a estrita comunidade dos rotarianos? E assim fazendo, como ela evoluiria do plano local — a cidade de Chicago — para escalas cada vez maiores, nacionais, continentais e internacionais, e em ritmo crescente, por exemplo, chegando em 1927 ao recrutamento de quase quinhentos novos membros por mês, nos diversos países? Algumas etapas podem ser apontadas na história das primeiras décadas do *Rotary* e podem ser aqui rapidamente lembradas em seu processo de expansão. Elas sinalizam primeiramente um momento inicial, quando, pouco a pouco, os diferentes sentidos associados à noção de “*service*” foram sendo enunciados pelos membros até configurarem duas nítidas correntes.

Pode-se dizer que, internamente, sociabilidade e negócios foram as primeiras e principais preocupações dos sócios pioneiros do *Rotary*. Entretanto, já em decorrência das diferentes interpretações de serviço, uma parcela da “comunidade” rotariana, formada ao longo do primeiro ano, rapidamente conseguiu dirigir o foco da ação do grupo também para temas locais e de grande visibilidade, talvez como forma de criar uma maior e melhor interação com as inúmeras “comunidades” (cívicas, étnicas, políticas, trabalhistas, comerciais, profissionais, acadêmicas) atuantes na cidade.

Assim, a primeira campanha rotariana fora dos próprios limites do clube ocorreu ainda entre 1905-1907, em favor da instalação de sanitários públicos em Chicago. Essa iniciativa colocou, lado a lado, coordenadas pelo *Rotary*, todas as associações cívicas da cidade e também da administração municipal. Em dois anos, a campanha atingiu sua meta, e o *Rotary Club* acabou sendo elevado à categoria de “organização cívica” de grande mérito, mostrando para outras associações com perfil semelhante “a razão de sua existência.” Paul Harris comenta que, para que a organização conseguisse

esse seu primeiro sucesso, “foi necessário confessar a falta de visão, ainda que isso custasse algum sacrifício”. Ele escreve:

Afirma-se que o fim da entrada [do Rotary] na esfera do serviço público foi ocultar o seu verdadeiro propósito, isto é, o interesse próprio [...]. O autor [ele próprio] nada poderá dizer [...] quanto ao pensamento dos seus colegas, todavia declara o que pensava à época. Preocupava-se com o trabalho de fundar um Club dos melhores que pudessem existir. Tinha a visão das possibilidades de expansão ilimitada [...]. Algumas pessoas exprimiram sua admiração ao descobrir que [o Rotary] no início não tinha o desenvolvimento completo. Realmente não o tinha, nem estaria de acordo com as leis da natureza [...]. Dera-se início. Rotary não deveria continuar a viver de si para si (Harris, 1935, p.101).

Entretanto, a entrada do *Rotary Club* na esfera do serviço à comunidade deve ser associada também a uma importante iniciativa que, a partir de 1905-1906, passou a envolver ainda mais a opinião pública com as questões urbanas e deve assim ter contribuído para “ampliar a visão” dos primeiros rotarianos quanto a sua própria forma de inserção social. Trata-se da elaboração de um Plano para a Chicago do futuro, organizado por dois clubes da elite econômica da cidade, o *Merchant's Club* e o *Commercial Club*. Uma pequena digressão em torno da elaboração do Plano de Chicago torna-se aqui necessária, não só para uma maior compreensão do campo social quando da criação do *Rotary Club* na cidade, mas também do processo de afirmação de alguns de seus traços identitários, muitos deles em consonância com o vocabulário dos responsáveis pela realização e difusão do Plano: *standards*, educação, progressismo, eficiência, conhecimento aplicado, entre outros.

Como se sabe, o Plano de Chicago acabou sendo realizado pelo *Commercial Club*, que contratou Daniel H. Burnham e Edward H. Bennet, já conhecidos pelo projeto da Exposição Universal de 1893, e também organizou também um *General Committee* composto por 15 de seus membros, para auxiliar a tomada de decisão dos arquitetos. Sua elaboração exigiu 3 anos de preparativos e mais de 200 reuniões dos membros do *General Committee* entre si, com Burnham e com importantes líderes de setores organizados da sociedade para discutir as premissas a serem adotadas. O resultado dos trabalhos seria, enfim, apresentado em 1909 pelo *Commercial Club* à cidade, quando foi oferecido ao prefeito de Chicago, Fred Busse, uma das 200 cópias do documento impresso e ricamente ilustrado intitulado *Plan of Chicago prepared under the direction of Commercial Club during the years 1906, 1907, 1908 and 1909*. Embora a iniciativa não fosse oficial, as condições sociais de concepção, recepção e, mais tarde, circulação do Plano de Chicago convergiram no sentido de legitimá-lo, pelo menos como uma diretriz geral para o crescimento da cidade, e é inegável o seu impacto tanto junto à administração pública quanto na dinâmica dos movimentos sociais, dentre os quais o *Rotary Club*.

Pouco depois, o prefeito Fred Busse criou a *Chicago City Plan Commission* (CPC), composta por mais de 300 membros, entre homens de negócio, políticos e dirigentes de movimentos cívicos, tendo por presidente o construtor, investidor no mercado imobiliário e líder cívico (Krueckeberger, 1983, p.75) Charles J. Wacker. Como Burnham (1993) expôs na *Town Planning Conference* realizada em Londres em 1910, a Comissão visava garantir um controle público às decisões do prefeito e do Conselho Municipal, discutindo um *corpus* de projetos comuns a serem implementados. Além disso, ela deveria “se pronunciar sobre todos os problemas relativos à transformação física da cidade”. Sublinhando a originalidade do modo de funcionamento da comissão, Burnham naquela ocasião esclareceria que esta tinha por fim fazer com que uma “importante porcentagem dos cidadãos compreendesse estes projetos comuns e seus objetivos e que também os apoiasse” (Abbot, 2000, p.615).

Uma das primeiras ações da CPC foi contratar Walter Dwight Moody, importante dirigente e promotor de organizações cívicas, para publicizar o *Plan of Chicago* junto à população da cidade. Moody elaborou então o *Wacker's Manual of the Plan of Chicago: Municipal Economy*, publicado pela primeira vez em 1911 e adotado em todas as escolas públicas da cidade durante toda a década de 1910 até meados dos anos 1920.

A reverberação dessas discussões provocou uma efervescência ainda maior dos debates de temas de interesse coletivo na cidade e coincidiu, assim, com a lenta mas progressiva ampliação da esfera de ação e das metas do *Rotary Club*, que, embora não sendo consensual, passa a marcar o seu perfil. Pode-se dizer que, grosso modo, o *Rotary* foi se autodefinindo e organizando sua agenda à luz do processo de discussão sobre a natureza da cidade e sobre os papéis sociais desempenhados por cada ator, coletiva e individualmente, estimulado pelos debates em torno do *Plan of Chicago*. As atividades da CPC, por sua vez, ao longo das décadas de 1910 e 1920, estimulariam a formação do que se pode chamar de uma “escola de urbanismo e de governança urbana de Chicago”² entendendo-se o urbanismo aqui, não apenas como o desenho de uma imagem de cidade, mas como a própria “construção coletiva da cidade e, inclusive, de sua imagem” em um período marcado por inúmeros câmbios tecnológicos e socioculturais.

De fato, nesses anos torna-se evidente para os *chicagoans* não apenas que “todo mundo planeja” (*everyone plans*), como assinalou Abbot, mas também que as cidades são construções coletivas. Como Abbot e Krueckeberger observaram, Chicago viveu até o fim dos anos 1920 um momento cívico excepcional, quando interesse comercial e interesse cívico parecem convergir (Abbot, 2000, p.615). Mesmo para aqueles ligados ao mundo dos negócios, talvez no interesse em se preservar o próprio capitalismo, pareceu necessária uma maior coletivização na formulação de planos e projetos, na adoção e conscientização das decisões, enfim, uma profunda cooperação dos cidadãos na vida municipal (Krueckeberger, 1983). Entretanto, este senso comum não foi considerado um *a priori*, mas uma construção coletiva socialmente consciente e, em consequência, a questão era informar e formar. Daí a importância que a educação passa a ganhar dentre os demais temas debatidos.

É nessa linha de reflexão e ação, centrada na meta de contribuir para a construção de um cidadão consciente e envolvido pelas condições concretas dos quadros (do “frame”) de suas experiências individuais e em grupo, que a imprensa e os meios de comunicação em geral se impuseram como poderosas ferramentas no processo educativo.

Em termos de uma educação de massa, primeiramente foram Moody e alguns membros do *Commercial Club* que pareceram compreender o potencial dos meios de comunicação para a educação urbana e para a (re)fundação dos laços sociais. Entretanto, como o *Wacker's Manual* alcançava grande capilaridade, já que, através da escola suas idéias penetravam na casa de cada habitante de Chicago, levadas pelas mãos dos alunos, ele também auxiliaria tanto no processo de “propaganda” do Plano quanto na preparação para a vida em cidades das novas famílias que cada vez mais nos Estados Unidos troca o ambiente rural pelo citadino, servindo quase como um livro sobre a história das cidades, em geral, e de defesa do urbanismo em particular³.

Ora, é evidente que, embora o meio acadêmico nem sempre seja analisado nestes termos, ele também participou desta dinâmica, trazendo insumos para o debate. É no interior desta “escola de urbanismo”, ativista e participativa que a CPC e o Wacker Manual estimulam, onde o urbanista não deixa de ser um especialista, mas cuja obra só se conclui se é ‘apropriada e construída’ pelos cidadãos, que se desenha pouco a pouco o perfil da produção científica de certos departamentos da Universidade de Chicago, como os de sociologia ou educação. Como Abbot apontou, reformadores com Adams e Small e a geração seguinte de Charles E. Merriam e William Thomas estavam inteiramente mergulhados nesta visão imediata e concreta da cidade (Abbot, 2000, p.149). Do mesmo modo, é necessário não minorar o impacto desse “círculo virtuoso” de discussão cada vez mais ampla, contínua e quotidiana no trabalho de Robert Ezra Park, e seu clássico *The City* (1915); nos panfletos, livros e filmes que Walter Moody continuou produzindo ao longo da década de 1910, como *What of the City*⁴ (1919); ou ainda as tentativas de Louis Wirth nos anos 1930, no sentido de definir o sentido de palavras como “cidade”, “urbanização”, “urbanismo” e o próprio título de seu célebre artigo *Urbanisme as way of life* (1938).

Charles Eliot, ex-presidente de Harvard, chamaria a atenção para outros aspectos da “nova democracia” que esta “escola de urbanismo” de Chicago convidava cada um a exercitar. Ele observava, em 1910:

Que um clube de homens de negócios tenha se engajado em uma tal iniciativa [a elaboração do Plano] e a tenha levado com sucesso a este estágio, [isto] traz uma ilustração favorável dos trabalhos da democracia Americana. A democracia não pode ser dependente da rara aperência de um Péricles, de um Augusto, de um Colbert ou de um Christopher Wren. Ela deve ser capaz de trabalhar em prol de grandes ideais por meio da ação de grupos de cidadãos inteligentes e dotados de espírito publico e que sabem como se apoiar em especialistas em seu benefício (tradução da autora) (Krueckeberger, 1983, p.77).

Que o *Plan of Chicago* tenha sido organizado e oferecido à cidade e colocado em discussão por um grupo de homens de negócios da alta burguesia da cidade mereceria que a própria natureza desse gesto fosse pensada como matriz de formas possíveis de organização social produtoras de sentidos políticos (Gaudin, 2001, p.12) ao invés de ser ora julgada tendo em mente estruturas estatais fortes e centralizadoras, que historicamente se delinearam mais tarde, ora simplesmente ignorada. De fato, afastadas as interpretações anacrônicas, é possível pensar que o modo de entender a gestão e construção da cidade, implícito no contexto de elaboração e difusão do Plano de Chicago, produziu sentidos políticos não apenas no plano local. Ele inspirou ainda formas de ação social de outras organizações, como o *Rotary Club*, que, trazendo as ideias de democracia e de “construção da cidade” para um plano ainda mais pragmático e cotidiano, engajou um amplo espectro de atores, fazendo com que se espalhassem com a rapidez de um rastilho.

Se para os primeiros rotarianos a noção de serviço passaria a se referir também ao servir à *polis*, a próxima etapa na história do Clube se estende de 1908 a 1912. Esses anos marcam o primeiro período de expansão do “*ideal of service*” rotário à outras cidades norte-americanas. Ainda que continuassem veladas as ambiguidades iniciais, a associação criada por Harris ia fazendo seu caminho, e a concepção de “servir” em suas múltiplas interpretações — comunitarista, cidadã, comercial ou cívica — levava o exemplo do *Rotary Club* de Chicago às cidades da costa oeste, começando por São Francisco, Oakland, Los Angeles, e logo depois saltando de Seattle para a costa leste e daí para o país inteiro: New York, Boston, Minneapolis, Detroit [...].

Na primeira convenção do *Rotary*, realizada em agosto de 1910, existiam 16 clubes funcionando regularmente nos Estados Unidos. Nessa reunião foi organizada a *National Association of Rotary Clubs*, a primeira constituição do clube com seus quatro objetivos e os cinco princípios da organização nacional (Rotary International, 1946) delineados. Em apenas quatro meses, oito novos clubes foram organizados no país, além do primeiro clube internacional, em Winnipeg, Manitoba, Canadá. Rapidamente, dois lemas do clube — um surgido na primeira convenção em Chicago e o outro, na seguinte, em Portland — começaram a ser fundidos e repetidos para além das fronteiras norte-americanas: “*Service above self — He profits most who serves best*” (Rotary International, 1946, p.19). Embora as diferenças na noção de “servir” fossem se tornando mais claras, a ideia de que o *Rotary* era não só um “corpo unido” com mais de 1 500 membros, mas também uma espécie de “engrenagem” começou a se delinear, guiando o desenvolvimento da organização.

A roda dentada, no formato que se conhece, fixa-se como emblema do clube entre 1910 e 1912. Lema e emblema devem ser aqui examinados dentro de uma ideia de “*role playing*” ou “função”, cara a vários analistas sociais naqueles anos (Chapoulie, 2001). Além da sua deliberação de acomodar credos religiosos ou políticos, o *Rotary* também conciliou a ideia de sociedade tanto como um “organismo vivo” — já presente desde 1905 — quanto, a partir de agora, como uma máquina transnacional, para além de raças e países, composta de

diferentes peças e onde as diferentes engrenagens provocam o movimento do todo. Assim, ao mesmo tempo em que busca conciliar as duas ideias de “serviço”, colocando a noção capitalista sob a tutela humanista, o *Rotary* define a sociedade tanto pela metáfora orgânica inspirada nas ciências naturais, quanto pela metáfora mecanicista inspirada nas ciências exatas.

Na perspectiva organicista, como esclareceu um rotariano anos mais tarde, para grande parte dos associados, a noção de serviço era entendida como “um princípio de vida” e “uma lei natural” que regia a *harmonia mundi*. A “menor coisa do mundo” integra uma capacidade maior ou menor de serviço”. Em outras palavras, se ela “vive, ela serve, isto é está servindo ou deve servir para algo [...] o que não serve é inútil, indesejável, se desseca, é sinônimo de morte” (Fuentes, 1935, p. 53). “Servir” passa a ser assim, muito mais que um princípio, uma lei metafísica “que rege ao mundo em toda a vida dos seres que o povoam e estendem suas raízes no próprio existir, na própria natureza genuína do homem” (Fuentes, 1935). Assimilada essa lei, a metáfora mecanicista deixava de ser antagônica e resultava “naturalmente” da simples identificação da função que cada um desempenhava na grande “ordem do mundo”. O princípio rotário de classificação poderia ser aplicado com base nas ideias de *standard*, ideal-tipo e cadeia ou funcionamento eficiente para poder desenvolver uma vigorosa ação de conjunto. De todo modo, o *Rotary* agora começava a sua trajetória como uma organização transnacional e um clube de serviços sob a bandeira “*Profits more who serves best*”.

A EXPANSÃO DOS CLUBES ROTÁRIOS NO BRASIL E A “CONSTRUÇÃO DA CIDADE”: URBANISMO, ARQUITETURA E EDUCAÇÃO URBANA

Não se pretende examinar aqui o processo de internacionalização do *Rotary Club* de 1911 a 1916, com a mudança de seu nome para *International Association of Rotary Clubs*, em 1912. Cabe, entretanto, assinalar a fundação do *Rotary Club* de La Habana, Cuba, em 1916, primeiro clube na América Latina, mostrando, como se dizia à época, que o *Rotary* não era um clube apenas para anglo-saxões. A importância dada a esse fato, nos documentos do *Rotary* americano, revela seu perfil de clube de cultura sobretudo branca e protestante, a despeito dos esforços de Harris.

Por outro lado, documentos de nações latino-americanas, como Brasil e Colômbia, por exemplo, registram estranhamento em relação a certos ritos do *Rotary*, que passaram a circular transnacionalmente, como o hábito de cantar antes das reuniões ou bater com os dedos na mesa, práticas consideradas muitas vezes ingênuas e risíveis. Também se estranhava a norma internacional de fazer reuniões semanais almoçando ou jantando, criticada e considerada onerosa, além do mais, sem a família; de conduzir as reuniões com excesso de rigor formal, sem espaço para piadas ou brincadeiras; de fazer as chamadas de presença; de desligar membros por ausências repetidas ou aplicar o princípio da representação da classe de atividade, o que fazia com que companheiros considerados excelentes que mudavam de cidade não pudessem ser absorvidos no novo contexto, ou perdessem o lugar se acaso voltassem.

O próprio princípio de classificação dos membros, funcionalizado e decomposto em detalhes, inúmeras vezes teve que ser justificado pela direção internacional da associação. Entretanto, o desempenho da diretoria do *Rotary* internacional, até os anos 1940 secretariado por Chesley Reynold Perry (Chess Perry), considerado por Paul Harris o verdadeiro “construtor” do *Rotary*, permitiu que, globalmente, essas diferenças de cultura pudessem ser contornadas. Mantidos os princípios e objetivos gerais, alguns pontos eram flexibilizados, tanto quanto possível, buscando respeitar a forma social e o modo de funcionamento, que cada clube foi adquirindo no plano local. Entretanto, como ocorresse com a noção de “servir”, também neste ponto observaram-se tensões em relação à delicada gestão da identidade “global” e “local” da associação, sobretudo na primeira fase de internacionalização do clube, entre 1912 e 1924.

Talvez tenham sido justamente essas tensões internas, aliadas a traços culturais específicos, que tenham tanto dificultado, de início, a fundação do primeiro clube no Brasil, e que se arrastaria por 6 anos. De fato, as iniciativas para criar um *Rotary Club* no Brasil começaram em 1916. Naquele ano, Richard P. Momsen⁵, jovem advogado norte-americano membro da representação dos EUA no Brasil, participou de uma reunião do *Rotary Club* (RC) de Chicago. Almoçando com Chess Perry, ele e o comerciante inglês Herbert Percival Coates⁶, que vivia no Uruguai, se dispuseram a levar os ideais rotarianos à América do Sul, fundando clubes respectivamente em Montevidéu e no Rio de Janeiro (Amarante, 1973).

O Clube de Montevidéu foi credenciado dois anos mais tarde, em 1918, enquanto o do Rio de Janeiro demorou mais tempo para ser criado, pois a iniciativa não encontrou receptividade de imediato. Em 1919, foi feita nova tentativa de criação de um clube na cidade, agora com o auxílio de dois rotarianos, Frank Lanning, de Pittsburg, e H.G. Wilson, de Toledo, Ohio, que buscaram explicar com mais detalhes as finalidades do movimento. Não se tem detalhes sobre a composição sócio-profissional do grupo, mas, como relata Momsen em carta a Perry, os presentes alegaram que já participavam de inúmeras instituições, como a Câmara de Comércio, o Clube Central, o *Country Club*, a YMCA (Associação Cristã de Moços) ou que atuavam em obras filantrópicas junto a Hospitais ou agremiações como a *Seamen's Mission* e a *Patriotic Society*, não sobrando tempo para participar de mais uma associação.

Ora, em dezembro de 1920, passa pelo Rio e por São Paulo o rotariano Edward P. Chalfant, de Nova Iorque, presidente da *Gill Manufacturing Company*, fabricante de anéis e segmentos de pistões de automóveis, e volta, mais uma vez, à tona a fundação do clube. Entrevistado pelo jornalista e advogado Herbert Moses, Chalfant expôs nos seguintes termos os objetivos do clube:

O Rotary consiste na voluntária agremiação de homens do comércio, cuidadosamente, escolhidos entre os diferentes ramos de atividade comercial, por meio de um processo tendente a eliminar a concorrência e tem por fim assegurar em cada um

dos seus membros o desenvolvimento de uma nova energia, susceptível de ser aplicada em proveito da comunhão comercial e social (Amarante, 1973).

Essa visita deu novo impulso a Momsen e, dois meses mais tarde, foi realizada uma reunião visando à fundação do clube⁷, promovida por ele e J.D.W. Snowden, gerente geral da *American Steel Export Company*, que trouxe consigo grande número de convidados. Entretanto, dos 17 participantes que assinaram a carta dirigida ao *Rotary International* (RI) solicitando o credenciamento do clube, apenas 2 eram brasileiros. Percebe-se ainda que a maior parte deles estavam envolvidos no comércio de importação e exportação, ou na representação de empresas estrangeiras prestadoras de serviços urbanos.

O grupo não obteve o credenciamento solicitado. Chess Perry protestou, primeiramente, em razão da excessiva presença de estrangeiros (e, embora não o tenha mencionado, talvez também em virtude do número excessivo de comerciantes), o que mostra o quanto o *Rotary* em 15 anos já se afastara das diretrizes presentes na sua criação, voltada para a ajuda mútua e sobretudo para uma noção de serviço direcionada ao plano comercial. Perry também vetou o credenciamento pelo fato de estarem participando dois advogados (Momsen e Moses).

Nesse período já haviam sido fundados dois outros *Rotary Clubs* na América do Sul: o de Buenos Aires, criado por Coates, em novembro de 1919, e o de Lima, criado por Frederico Affonso Pezet, embaixador do Peru em Washington, em julho de 1921. No traslado do ideal de serviço rotário para o Brasil, as ambiguidades se explicitaram e passaram a retardar a fundação de um novo clube. Coates agira em Montevidéu e Buenos Aires, Pezet no Peru, Panamá e Colômbia, mas no caso do Rio de Janeiro a condução do processo revelou tensões de certo modo já acomodadas nos Estados Unidos.

Pelas trocas de cartas de Chess Perry com os atores no campo brasileiro, como Momsen e Coates, nota-se que a diretoria que controlava o desenvolvimento “federado” do clube (sobretudo Perry e Harris) continuava em 1921 a alimentar no plano norte-americano o diálogo do *Rotary* com associações filantrópicas de matriz religiosa, que congregavam parte da classe média protestante — como a ACM, à qual Coates, por exemplo, também estava ligado. Entretanto, no plano externo, e no caso do Rio de Janeiro em particular, a situação parecia fora de controle, e a própria diretoria internacional também hesitava sobre a nova identidade a dar ao clube, dado o contraste entre culturas tão diversas.

No Rio, enquanto a classe média, por *habitus*⁸ culturais, mostrava-se efetivamente distante da forma de ação social do clube, o capital social acumulado pelo *Rotary* em 15 anos de atuação fazia com que potencialmente diversos perfis econômicos e sociais se mostrassem interessados pelas vantagens de pertencer a ele. Mas antes de tudo era preciso saber qual direção ideológica o clube assumiria. Três grupos de interesse se identificavam com o perfil e a plataforma do clube: a comunidade de representantes de empresas estrangeiras, a elite cosmopolita local e os quadros altamente profissio-

nalizados já envolvidos com a temática urbana do ponto de vista técnico. Entretanto, o princípio rotariano de quota de classificação restringia a participação de cada setor e exigia um equilíbrio de forças entre os diferentes perfis. Ora, uma vez reequilibrada as forças e fundado o primeiro clube no Brasil em 1923 no Rio, a expansão do *Rotary* no país se daria em ritmo acelerado: São Paulo, Santos, Petrópolis, Niterói [...].

Nessa (re)fundação do clube do Rio, as inquietações quanto a possíveis desequilíbrios na sua composição fizeram com que Perry solicitasse apoio à “matriz cristã” da organização, representada em seu viés empreendedor e capitalista por Coates, e em sua feição reformadora por Henry H. Lichtwardt, secretário executivo da ACM. Perry acreditava que o clube deveria ser criado por alguém familiarizado com o *Rotary*, como confidenciou a Lichtwardt. Próximo do *Rotary Club* de Detroit, Lichtwardt conhecera Chess Perry em Chicago e também se reencontraram em uma reunião da ACM em Nova York. Lichtwardt estava no Brasil desde 1916 e sua participação no processo assegurava à direção do RI, em Chicago, um mínimo de controle no respeito às novas diretrizes de ação do *Rotary* como um clube de serviço à comunidade.

Essa segunda fundação do clube do Rio ocorreu, em dezembro de 1922⁹, ano em que a cidade organizava sua Exposição Internacional e aumentavam os debates técnicos sobre sua nova configuração, com a destruição do Morro do Castelo e o aterramento de parte da baía de Guanabara. Nesse contexto, havia sido criado não apenas um espaço artificial para acolher os pavilhões da Exposição, mas também uma nova área de terrenos urbanizados, com extensão correspondente a quase metade da zona central da cidade. A realização de grandes obras públicas e a intensa discussão sobre a forma física e social da cidade deve ter estimulado comparações entre a Exposição do Rio e a de Chicago, realizada trinta anos antes. De qualquer modo, o arquiteto Archimedes Memória, membro da segunda lista de fundadores do *Rotary Club* foi um dos mais importantes idealizadores do espaço da Exposição. Arquimedes Memória se mostraria atento a às questões locais, a exemplo da atuação do *Rotary* no contexto norte-americano, que vinha observando as singularidades de cada clube em vários aspectos, estimulada pela própria função desempenhada pela Comissão de Classificações¹⁰.

Archimedes Memória, ao contrário de Daniel Burnham em Chicago, adotou uma linguagem arquitetônica que começava a ser chamada à época de “neocolonial”. Ele integraria o grupo de profissionais brasileiros que, na década de 1920, estimulou as pesquisas sobre a história da arquitetura no país, promovendo, assim, junto aos arquitetos e primeiros urbanistas uma reflexão sobre a construção de uma imagem da cidade que se mostrasse atenta ao próprio passado histórico do país.

Talvez a criação do *Rotary Club* do Rio tenha sido das últimas realizadas sem muito planejamento. Quando o clube do Rio recebeu sua carta de afiliação, em 1923, o Brasil era o 30º país a integrar a rede internacional do *Rotary Club*. Coates, já havia sido designado comissário do *Rotary International* na América Latina desde 1920, mas, agora passa-

va a desempenhar suas atividades de modo mais intenso. Lichtwardt, por sua vez, havia convidado Robert Shalders para auxiliá-lo na secretaria e na direção do clube do Rio nesses primeiros anos, embora o presidente fosse João Thomé Saboya¹¹.

Essa direção mais firmemente orientada para uma ação comunitária à qual os interesses comerciais, fortemente presente no movimento, embora sem serem contrariados, deveriam se atrelar, auxiliou na criação do clube de São Paulo. Assim, em 1924 surgiu o segundo *Rotary Club* no Brasil, contando em sua reunião de fundação com a presença mais uma vez da YMCA (ACM) na pessoa de Irving Henry Gallion, e do *Rotary* carioca, representado por Robert Shalders, peça que se tornava importante no diálogo local-global do Clube.

O ESTADO DE SÃO PAULO

A primeira diretoria do Clube já sinalizava claramente a importância que foi dada às questões urbanas, ao colocar em sua presidência um dos três mais importantes nomes do urbanismo no país, Victor da Silva Freire, diretor de obras da Prefeitura Municipal, conselheiro da *City Improvements*, presidente da Cia. de Pavimentação e Obras Públicas, da Cia. Anglo-Brasileira e professor da Escola Politécnica. Compunham ainda a diretoria os representantes da vida econômica da cidade e das organizações civis de ação filantrópica, como José Carlos de Macedo Soares, vice-presidente da Cia Paulista de Artefatos de *Aluminium*; Antonio Gaffré Ribeiro, secretário importador da *Standard Oil Company*; Irving Henry Gallion, tesoureiro da ACM; Herminio Gomes Moreira, da Escola Remington de Datilografia; Benedicto Montenegro, médico-cirurgião.

O Brasil vivia período de grande mobilização política quando o Clube de São Paulo foi fundado¹², reunindo um grupo ainda mais seletivo e diversificado do que aquele do Rio, como se constata na lista de seus primeiros membros¹³. A criação do clube coincidiu com a Revolução de 1924, quando foram feitas mais de 10 mil prisões, inclusive dos rotarianos Júlio de Mesquita e Macedo Soares, desestabilizando o clube nesse seu primeiro ano.

Entretanto, no Rio o Clube se firmou: em novembro de 1924, não só foi criada a revista *Notícias Rotárias*, como também ingressaram 62 novos sócios, apesar de 17 afastamentos, 7 dos quais de fundadores (Herbert Moses, Simão da Costa, Schurz, Cartier, Mosquera, McColl, Hackett), por razões que merecem ser mais estudadas¹⁴.

Embora este estudo não comporte detalhes sobre a atuação dos dois primeiros *Rotary Clubs* em funcionamento no Brasil, vale observar que, a partir de 1925 e durante mais de uma década, o nome do *Rotary Club* passou a ser cada vez mais associado a uma firme ação social no campo da educação, da assistência e do planejamento da cidade, entendida como uma ação coletiva que deveria ser estimulada por diferentes meios de mobilização e propaganda e posta em prática da forma mais cotidiana.

A partir de 1924 e da gestão de Francisco Oliveira Passos, o *Rotary* do Rio de Janeiro, então capital federal, aproximou-se de ministros, embaixadores, médicos higienistas, religiosos católicos, passando a influenciar diretamente na vida da metrópole (Amarante,

1973, p.29). Os problemas da infância e juventude destacaram-se logo dentre as cogitações do Clube, tanto com medidas pontuais, como o Natal das Crianças Pobres, como ainda com políticas de criação de biblioteca em escolas municipais, construção de campos públicos de desportos e a prática do escotismo. As questões comerciais também não foram descuidadas, discutindo-se a organização de uma Feira Internacional de Amostras¹⁵, divulgando os produtos exportados por grandes empresas norte-americanas.

Entre o final de 1925 e o início de 1926, no Rio de Janeiro, discutiram-se longamente as atividades da Comissão de Programa e o Programa de Ação, começando pela criação de uma “Federação das Instituições de Caridade e Ordens Pias do Distrito Federal”, sob patrocínio do Clube. Seria uma espécie de Legião Brasileira de Assistência, que deveria agir como polícia de costumes, tanto na repressão quanto na assistência, tanto no patronato quanto na reeducação, assim como em questões de seguro social, profissionalização, hospitalização e asilamento de menores abandonados, alcoólatras, toxicômanos, velhos, deficientes físicos e mentais. Em São Paulo, os rotarianos seguiram estratégias semelhantes de ampliação do diálogo com especialistas e autoridades, embora tenham sido ainda mais enfáticas as suas ações no campo do urbanismo. As primeiras conferências introduziram os associados na grande reforma urbana que vinha sendo discutida para a cidade e que era perceptível a cada dia, com o crescimento desta.

Nessa cidade, mais ainda do que no Rio de Janeiro, talvez sob influência de Victor Freire que conhecia o Plano de Chicago e acompanhava os seus desdobramentos desde 1910, quando participou da *Town Planning Conference* em Londres, os próprios membros técnicos do Clube buscavam antes de tudo “educar” os seus próprios pares nas matérias, para criar uma mentalidade. Os engenheiros Ulhoa Cintra e Prestes Maia, por exemplo, foram convidados para discorrer sobre *O Plano de Expansão da Cidade de São Paulo*; Artur Motta, diretor da Repartição de Águas e Esgotos, analisou *A seca de 1924 e suas consequências no fornecimento de água de São Paulo*; e Antonio Carlos Cardoso, engenheiro-chefe da construção da *Light and Power*, fez palestra em 1925 sobre *Distribuição da energia elétrica no Estado de São Paulo*. O traçado urbano, água e luz, temas fundamentais da nova ordenação da cidade, foram objeto de sistemática análise dos rotarianos. Mas não só. O que era socialmente *A radiofonia e sua importância como meio educativo* foi também tema da palestra de José Carlos Macedo Soares. Palestras sobre a reforma física da cidade se aliavam a palestras sobre a reforma social. A cidade torna-se, assim, o centro dos interesses: educar para a cidade, educar para a cidadania, assim como ensinara a “escola de Urbanismo” de Chicago. Foi exposto, por exemplo, o sistema Gaumont de alfabetização, por meio do cinema combinado com alto-falantes da telefonia sem fios: “um carro com aparelho cinematográfico combinado com alto-falantes, carro este que vai de lugar em lugar, para fazer exposições por meio das quais são dadas lições práticas que permitem a alfabetização em massa.

Enquanto os jornais anunciavam que dentro em pouco São Paulo seria a cidade com mais mendigos no mundo, o grupo rotário atuava na busca de soluções, fundando

a Associação dos Amigos da Escola, embrião das futuras Associações de Pais e Mestres da rede escolar de ensino. Nos anos seguintes, e até o golpe de 1937, o *Rotary* criou dezenas de Comissões de Planos de cidade no Brasil, inspiradas naquela de Chicago e que haviam se espalhado também por centenas de cidades norte-americanas. Estava lançada no Brasil a semente daquele que talvez tenha sido à época o maior movimento social moderno, capaz de interferir ainda hoje nos alicerces de milhares de metrópoles, em razão das instituições que conseguiu criar, embora talvez ainda não tenhamos nos debruçado com suficiência sobre este processo.

NOTAS

1. Participaram da reunião de fundação com Paul Harris: Silvester Schiele, revendedor de carvão e primeiro presidente do Clube; Gustavus Loehr, engenheiro de minas e Hiram Shorey, alfaiate cf. Rotary International (1946). É também considerado o quinto fundador do Rotary H.L. Ruggles, dono de uma empresa gráfica e que participa do Rotary desde a segunda reunião.
2. Estamos defendendo neste trabalho que as condições específicas de Chicago em um arco temporal longo — entre 1880-1920 — levariam a que não apenas experiências originais construtivas — como a invenção do arranha céu — ou de observações sociais — como os estudos específicos sobre certos grupos sociais — pudessem ser constatadas. Entre uma Escola de Arquitetura de Chicago e uma outra de Sociologia, talvez pudéssemos — sem o desejo de criar nenhuma nova mítica — falar também de uma escola de Urbanismo de Chicago, que como uma ponte levaria de uma a outra: da arquitetura às questões sociais, passando por essa efervescência que se observa nos debates sobre a cidade após a criação do Plano.
3. No momento que redigíamos este texto Jean Castex publicou « Chicago 1910-1930, Le chantier de la ville moderne », Paris, Editions de la Ville, 2009 que traz ainda maiores argumentos à tese apontada aqui na nota 9. O Wacker's Manual é aí analisado às páginas 58-63.
4. Sobre Moody cf. Krueckeberger (1983, p.76).
5. Richard Paul Momsen, nascido em 1890 em Milwaukee, diplomado pela Universidade George Washington, tem portanto 26 anos quando almoça com Caotes e Perry em Chicago em 1916. Faz parte da delegação americana no Brasil desde 1913 e em 1918, torna-se consul geral interino. Em 1920 revalida seu diploma e com colegas brasileiros torna-se advogado de várias firmas que estão se instalando no país. Foi membro da Comissão dos EUA na Exposição Comemorativa da Independência em 1922, tendo incentivado a construção do pavilhão americano e que foi a primeira sede própria de embaixada americana no estrangeiro.
6. H.P.Coates, veio para a América do Sul em 1897, ligado a construção de estradas de ferro, passou a servir ao sistema ferroviário uruguaio sendo depois durante quase 30 anos representante de companhias americanas do ramo, não só no Uruguai como em outros países sul-americanos. Tomou conhecimento do RC na convenção de Cincinnati e passou a se dedicar ativamente ao movimento. Foi Secretário do Rotary Clube de Montevideo em seus primeiros 5 anos (1918-1922) e depois tornou-se seu Presidente. De 1920 a 1927 foi o 1º Comissário do RI na A.Latina, como membro da comissão de Expansão do RC visitou cerca de 90 clubes em diferentes partes do mundo. Em 1930-1931 era governador do Distrito 63. Foi sócio honorário do RC do RJ de 1933 até 1941, quando morreu.
7. A ata da reunião foi assinada pelos seguintes participantes: A. Costa Pires, importador de carvão (Gano Moore & Co); C.A. Sylvester, bondes (Treasurer The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Co.); Col. C.H.Grawford, material ferroviário (Baldwin Locomotive Works); F.A.Huntress, luz e força (vice-presidente da The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Co.); Frank M. Garcia, material de construção (vice-president of Corning International); H.L.Dale, equipamentos hidráulicos (Mining Machinery Allis-Chalmers Mfg Co.); H.M.Sloat, equipamento ferroviário (gerente geral da Middletown Car and Otis Elevator); Herbert Moses, advogado (admiralty lawyer); J.D.W.Snowden, aço; T.P.Stevenson, navegação (Cia. Expresso Federal); J.R.Haney, óleos lubrificantes (Standard Oil); P.C.Cothren, seguro (Insurance Co. of North America); R.W.Govern, engenharia; R.P.Momsen, advogado (corporation lawyer); T.L.Wright, importador de automóveis (Sociedade Bom Retiro); W.C.Holmes, pneumáticos (Goodyear Tire & Rubber Co); W.C.Stevens, máquinas de costura (Singer Sewing Machine), cf. Amarante (1973) e *Notícias rotárias* nº1.
8. cf. Sobre o conceito de habitus desenvolvido por Pierre Bourdieu veja por exemplo Loïc Wacquant, *Eclarecer o habitus* em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.../126>.
9. O único presente à reunião de 1921 foi Herbert Moses. Momsen estava fora do país e, ao retornar, em novembro de 1923, ingressou no clube. Os participantes dessa nova reunião de fundação foram: João Thomé de Saboya e Silva (importador de acessórios para automóveis, engenheiro, senador e ex-governador do Ceará, “figura de grande projeção e experiência”, amigo de Mosquera); Dr. Fernando de Magalhães (médico- cirurgião); Dr. Lewis Wendell Hackett (saúde pública); Roberto James Shalders (máquinas e acessórios); Henry Herman Lichtwardt (ACM); Herbert Moses (advogado); Frederick Charles Brown (diversões); José Simão da Costa; Horácio Cartier (imprensa, *A noite*); David Bell (perito em contabilidade); Ismael de Oliveira Maia (material de construção — importação); Renato Rocha Miranda (carvão, mineração); Archimedes Memória (arquiteto); Alfredo Mosquera (importação de automóveis); Major Ernest Leonard Mc Coll (representante diplomático do Canadá); William Schurz (adido comercial da embaixada dos EUA).
10. “A Comissão de Classificações tem dentro do clube um papel de alta importância, esclarecia o rotariano Dr. Ismael de Souza, em discurso publicado na revista *Notícias rotárias* de 1928. A ela incumbe, estudan-

do todas as atividades da cidade onde está instalado o clube, dizer quais devem ser seus representantes dentro dele, de modo que represente uma miniatura de toda a vida profissional e de negócios da cidade.”

11. Saboya relembra que para alguns isso impacientava, mas ele se sentia “um cristão novo, sem conhecimento íntimo da instituição que ia dirigir[...]”. Shalders e Lichtwardt é que conduziam o Rotary[...] Cf. *Rotary Brasileiro*, mar. 1939, depoimento.
12. O Rotary Clube de São Paulo recebeu o registro nº 1 945 em 24 de março de 1925.
13. Além da Diretoria, foram fundadores ou membros do RC de São Paulo no seu primeiro ano de funcionamento os seguintes membros: Ademar Moraes (engenheiro construtor); José Ferreira de Oliveira (fabricante de arreios); Manfredo Antonio da Costa (vendedor de aparelhos elétricos); Richard O. Connell (cônsul dos EUA); Augusto Marques Guerra; Gilbert J. Huber; Edgar Egydio de Souza (diretor da São Paulo Light and Power); Erasmo Teixeira de Assumpção (exportador de café); Frederico Vergueiro

Steidel (professor de Direito); Geraldo de Paula Souza (médico higienista); Horácio Rodrigues (fabricante de produtos químicos); José Bento Monteiro Lobato (escritor); J.F. Belfrange (contador e auditor), José Maria Whitaker (banqueiro e fundador do Banco Comercial de São Paulo); Júlio de Mesquita Filho (jornalista e diretor de *O Estado de São Paulo*), Nagib José de Barros (negociante de máquina de escrever); Nestor Rangel Pestana (notário público da Capital); Rudolph Kesselring (diretor do Clube de Pesca), Washington Luís Pereira de Souza (deputado estadual); William Alfred Reeves (atuário e empresário).

14. Seria interessante, dentre outras figuras de destaque, melhor estabelecer as relações entre o movimento rotariano e Herbert Moses, importante personagem nas Organizações Globo, fundador do jornal e presidente da Associação Brasileira de Imprensa durante décadas.
15. As Feiras de Amostras passaram a ser oficialmente promovidas pela Prefeitura do Distrito Federal a partir de 1928.

REFERÊNCIAS

ABBOT, C. *Planning Chicago*. In: GROSSMAN, J.; KEATING, A.D.; REIFF, J. *The Encyclopedia of Chicago*. London: University of Chicago Press, 2000.

AMARANTE, A.P. *Contribuição à história do Rotary Club no Brasil*. Rio de Janeiro: Cooperativa Brasil Rotário, 1973.

BURNHAM, D.H., et al. *Plan of Chicago*. New York: Princeton Architectural Press, 1993.

CHAPOULIE, J.-M. *La tradition sociologique de Chicago 1892-1961*. Paris: Seuil, 2001.

FUENTES, A. *Servir, servir y servi*. In: THE ROTARIA. Chicago: Rotary International, 1935.

GAUDIN, J.-P. *Le socialisme municipal en Europe*. Munique: Oldenbourg Verlag, 2001.

HARRIS, P. *This rotarian age*. Chicago: Rotary International, 1935.

KRUECKEBERGER, D.A. *The American planner: biographies and recollections*. New York: Methuen, 1983.

ROTARY INTERNATIONAL. *Adventure in service*. Chicago: RI, 1946.

STEFFENS, L. *The Shame of the Cities*. New York: McClure, Philips, 1904.

TEAFORD, J.C. Good government movements. In: GROSSMAN, J.; KEATING, A.D.; REIFF, J. *The Encyclopedia of Chicago*. London: University of Chicago Press, 2004.

RESUMO

Criado em 1905, em Chicago, o *Rotary Club* conta hoje com filiais pelo mundo inteiro e é reconhecido como uma organização engajada em várias ações humanitárias. Fundado no Brasil (Rio e São Paulo) no começo dos anos 1920, o clube desempenhou um importante papel até a II Guerra Mundial. De fato, o *Rotary Club* delineou seu perfil não somente como uma organização associativa interessada em promover a coesão social de seus membros nos negócios, auxiliando-os a enfrentar suas dificuldades de inserção e atuação profissional. A instituição foi a mais importante organização civil sem fins lucrativos existente até os anos 1950, acumulando uma longa série de ações que marcaram a vida social de milhares de cidades, inclusive suas formas construídas. As experiências desenvolvidas em Chicago, no começo do século XIX, em matéria de planejamento, de certo modo, serviram de baliza às suas ações exportadas para os quatro cantos do mundo. Vistas em uma perspectiva histórica, a criação e expansão do *Rotary Club* no Brasil, bem como suas atividades, permitem observar a comutação transnacional de experiência em questões do planejamento urbano, focando atores sociais, conceitos, linguagens e planos, em escala global e local.

PALAVRAS-CHAVE: Associativismo. Brasil. História Transnacional. *Rotary Club*. Urbanismo.

COSMOPOLITANS AND COMMUNITARIANS: THE ROLE PLAYED BY THE INTERNATIONAL ROTARY CLUB ON THE URBAN PLANNING NETWORK IN BRAZIL (1905-1945)

ABSTRACT

Created in 1905 in Chicago, the Rotary Club now has branches all over the world and is recognized as an organization engaged in various humanitarian actions. Created in Brazil — in Rio and São Paulo — in the beginning of the 1920's, the club played a major role until the II World War, not only as an associative organization interested in improving the commercial affairs of its members but also creating a global network of social action directly dealing with the built environment and the urban culture of the city. The Rotary Club in Brazil seen in a historical perspective, allows us to observe the transnational commutation of experiences in urban planning matters, focusing social actors, concepts, languages and plans, within global and local scales.

KEYWORDS: Associative organization. Brazil. Transnational history. *Rotary Club*. Urban Planning.